

Data: 04.12.2020

Titulo: ESPECIALISTAS TEMEM NOVA VAGA DEPOIS DO NATAL

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



ESPECIALISTAS TEMEM NOVA VAGA DEPOIS DO NATAL

Perito sugere que famílias reduzam contactos ao mínimo 14 dias antes do Natal. “Bolhas” de Natal teriam de começar dia 10 // Tudo sobre o plano de vacinação. Centros de saúde vão chamar pessoas de maior risco para serem vacinadas // PÁGS. 2-5

Área: 1213cm² / 46%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7006756



Risco de uma terceira vaga em janeiro, como a que vive o Japão, foi um dos alertas na reunião do Infarmed

PATRICIA DE MELO MOREIRA/AFP

Covid-19. No Natal, dois em cada mil podem levar o vírus para dentro de casa

Cenários e riscos foram apontados na reunião do Infarmed, que juntou mais uma vez especialistas e decisores políticos.

Quanto maior o convívio no Natal, maior poderá ser o aumento de casos em janeiro. Governo anuncia medidas este sábado com uma ideia: maior folga no Natal e menor no fim de ano.

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

Não foi uma reunião sobre o Natal, mas soaram vários alertas sobre as semanas pela frente no combate à epidemia de covid-19. Especialistas e decisores políticos voltaram a juntar-se esta quinta-feira no Infarmed para um ponto de situação sobre a pandemia. "Boas notícias", salientaram: o pico da segunda onda já passou, concordaram diferentes intervenientes, embora apontando datas diferentes para o momento em que se viveu o ponto maior contágio. Ficou aquém do que chegou a ser estimado, para o que terão contribuído as medidas implementadas pelo Governo e mudanças

nos comportamentos, com um máximo em torno das 5300 infeções diárias. Agora em rota descedente pelo menos já na região Norte, onde o RT já está abaixo de 1, o que colocou também o RT a nível nacional abaixo de 1: O risco: ao serem levantadas medidas ou aumentarem os contactos, a tendência será um novo aumento de casos e os convívios e Natal e Ano Novo serão propícios a isso. Foi o Presidente da República, que esta sexta-feira fala ao país, a colocar a questão sobre o que esperar em janeiro depois de dezembro e qual o risco associado a deslocamentos entre concelhos. Na resposta, as expectativas dividiram-se entre maior otimismo mas também os receios de uma terceira



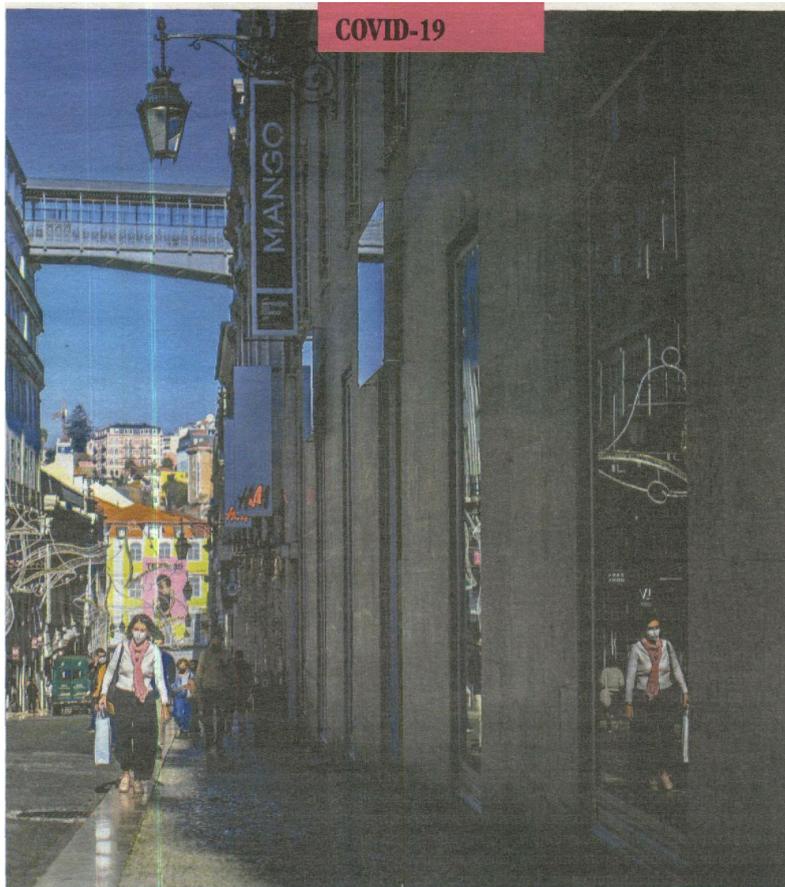
Área: 1213cm² / 46%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7006756



Área: 1213cm² / 46%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7006756

vaga, que mesmo com o arranque da campanha de vacinação apontado para janeiro não é descartada pelos especialistas.

RISCO MAIOR EM FAMÍLIA O estado de emergência será renovado esta sexta-feira por mais 15 dias e o no sábado, como aconteceu nas vezes anterior, o Governo concretiza as medidas que vão estar em vigor, apresentando agora os planos até 7 de janeiro já para incluir Natal e Ano Novo sem se esperar pela próxima renovação do estado de emergência, que calha em cima da véspera de Natal. Segundo o *i* apurou, a proibição de deslocamentos entre concelhos não deve vigorar nessa altura, mas vão ser definidas balizas para os encontros familiares e o primeiro-ministro ao longo da semana deu a atender que a folga será maior no Natal que no ano Novo. E até lá é preciso continuar a baixar a incidência, "pressionar a mola", disse ontem, pelo que não é esperado um aligeirar das medidas nos concelhos de maior risco no imediato (que subiram de 217 para 235 na última avaliação da DGS).

O risco acrescido de contágio nas famílias foi descrito na reunião do *farmed* por Henrique Barros, epidemiologista e presidente do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto. Hen-

rique Barros explicou que na altura do Natal, dois em cada mil portugueses estarão capazes de infectar outras pessoas, sabendo ou não. "Quando nos sentamos à mesa, na maior parte das vezes não saberemos", alertou.

Com base num estudo de 306 famílias no Porto com casos de covid-19, a equipa do ISPUP concluiu que, entrando um caso de covid-19 em casa, a probabilidade de infectar um familiar é de 23%. "Numa casa onde haja cinco suscetíveis (pessoas que nunca estiveram infetadas), é muitíssimo provável que ocorra uma infeção. Se forem oito, vão ocorrer duas infeções". Se imaginarmos 100 famílias, num terço nin-

20% da população pode já ter sido infetada com o vírus, calcula Henrique Barros

Bolha familiar 14 dias antes do Natal, propôs perito. Escolas fecharão mais cedo?

guém será infetado, nos restantes há uma a quatro infeções, continuou o investigador. Em contactos sociais mais esporádicos, em 100 grupos de cinco pessoas, em mais de 75% não haverá ninguém infetado, nos outros haverá um a quatro. "Se em cada família o risco é pequeno, isto, multiplicado por milhares de reuniões, corresponderá à ocorrência de muitas infeções", sublinhou Henrique Barros, que estimou que neste momento já mais de 1,5 milhões portugueses terão estado infetados (15% a 20% da população), o que significa que 80% da população continua suscetível.

O investigador defendeu a necessidade de um novo inquérito serológico a nível nacional, que está previsto pelo INSA, até pelo impacto desta informação para perceber o que esperar com a vacinação. Na situação atual, com 80% da população suscetível, mantendo as medidas não farmacológicas (uso de máscara, restrição de contactos e distância) chega vacinar 24% das pessoas para se ter a chamada imunidade de grupo, isto com uma vacina com uma eficácia de 70%. Retirando medidas, seria necessário vacinar 83%.

"Mesmo com 20% da população portuguesa imune, se a vacina só tiver eficácia de 50%, na ausência de medidas farmacológicas,

nem que vacinemos a população toda conseguiremos resolver o problema", estimou, tendo sido um dos peritos a advertir para a terceira vaga em janeiro, à semelhança do que vive o Japão.

O PROBLEMA SEGUE EM JANEIRO Com a vacinação ainda por arrancar e maior convívio no Natal, a advertência deixada foi de que os casos poderão começar a aumentar passados 15 dias, disse Manuel Carmo Gomes, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que sublinhou ser difícil avaliar o impacto de medidas como a proibição da deslocação entre concelhos. "Tudo o que contribua para diminuir o número de contactos e um contacto se traduzir em contágio contribui para manter o controlo da epidemia", disse. O especialista apontou que se Portugal conseguir manter uma redução diária de pelo menos 2% nos casos até ao Natal, que considerou factível com as atuais medidas, poderá chegar a essa altura com 2500 a 3000 casos e menos doentes internados. E mesmo que os casos depois voltem a subir, disse esperar que seja uma subida mais controlada, com o início da vacinação a ajudar. Um cenário mais próximo da normalidade só mais perto do verão. "Quando chegarmos lá vamos ter de lamber as feridas e retomar a economia. Concretamente no Natal e pós Natal, vamos ter umas lombas".

AS "BOLHAS" QUE PODEM AJUDAR A PARTIR DE DIA 10 Baltazar Nunes, epidemiologista do Instituto Ricardo Jorge, sublinhou que quando mais se conseguir reduzir a incidência agora, maior a probabilidade de a curva que venha a desenvolver-se depois ser menor. "Quando se reiniciar o processo de encontro das famílias, quanto menor a incidência, menor a probabilidade de haver um indivíduo infeccioso no seio familiar", disse, propondo que em Portugal se adotasse a solução que tem estado a ser debatida no Reino Unido, as chamadas "bolhas de Natal". "Tentar reduzir ao máximo o contacto que se tem com outros fora da bolha 14 dias antes e 14 dias depois do Natal", explicou o investigador.

Ora a contagem decrescente de 14 dias para o Natal começa a 10 de dezembro, na próxima quinta-feira. Nas escolas, o primeiro período está previsto acabar a 18 de dezembro e já chegou a ser discutido o término das aulas uma semana mais cedo, o que ganha novos argumentos.

Ideias e alertas da reunião

Portugal já viveu o pico de infeções da segunda onda

- A DGS estima que aconteceu a 25 de novembro. Nos internamentos é ainda esperado. A equipa da FCUL situa o pico de diagnósticos entre 18 e 21 de novembro, com o pico de contágios por volta de 15 de novembro.

RT abaixo de 1 (mas ainda não em todo o lado)

- No Norte, onde esteve acima de 1 durante mais de 100 dias, o RT é agora de 0,96, calcula o INSA. Em Lisboa está perto de 1. E nas restantes regiões ainda ligeiramente acima. Apesar de a mobilidade não ter baixado tanto como em março, foi possível. A modelação do INSA, revelou Baltazar Nunes, sugere que é possível manter o RT abaixo de 1 com os atuais níveis de mobilidade (-30% face aos valores pré-pandemia e não -60%/-70% como no primeiro confinamento) se houver uma redução dos contactos sem máscara e a menos de um metro.

As lições do Norte

- Na região do Vale do Sousa, a mais afetada, demorou um mês e uma semana a reduzir incidência ao valor de partida, disse Óscar Felgueiras, da Universidade do Porto. O pico foi atingido entre 29 de outubro e 4 de novembro e apenas no distrito de Vila Real se mantém uma tendência de subida dos casos. Ainda assim, a incidência ainda é muito elevada acima dos 80 anos e a descida neste grupo tem sido mais lenta. Concelhos vizinhos de concelhos com elevada incidência têm maior risco, alertou o investigador, propondo essa monitorização.

6500 mortes no fim do ano

- Até ao final do ano, a equipa da FCUL estima que a covid-19 poderá causar um total de 6000 a 6500 vítimas mortais no país - chegaram a prever 8 mil mortes antes da desaceleração da epidemia. Esta quinta-feira o balanço era de 4724 mortes. Até ao final do ano, prevem mais 1700 mortes.